

Identidades transnacionais na narrativa hispano-americana contemporânea: uma leitura de *Árbol de familia*, de María Rosa Lojo, e *Una vez Argentina*, de Andrés Neuman

Transnational identity in contemporary Hispanic-American narratives: a reading of the works *Árbol de familia*, by María Rosa Lojo, and *Una vez Argentina*, by Andrés Neuman

La identidad transnacional en la narrativa hispanoamericana contemporânea: una lectura de las obras *Árbol de familia*, de María Rosa Lojo, y *Una vez Argentina*, de Andrés Neuman

Juliana Bevilacqua Maioli (UNIR)  
maioli.juliana@unir.br

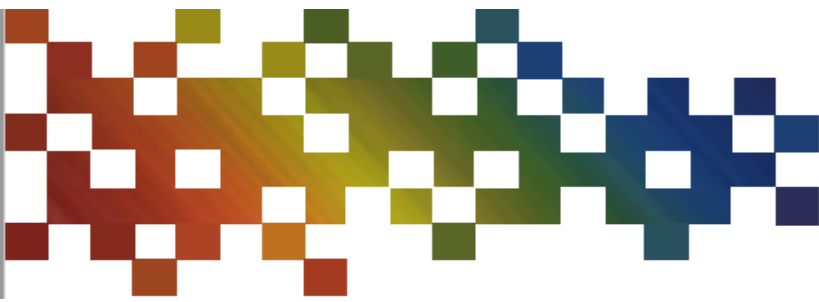
### Resumo

Neste estudo examinamos os processos de subjetivação operados por sujeitos emergentes em duas narrativas hispano-americanas contemporâneas, a saber: *Árbol de familia* (2010), de María Rosa Lojo, e *Una vez Argentina* (2014), de Andrés Neuman, com o fim de ressaltar como seus discursos projetam, no plano estrutural, as fissuras e os deslocamentos que constituem a identidade do mesmo sujeito que o enuncia. Apesar de suas singularidades estéticas e estilísticas, os relatos apresentam um eixo semântico comum o que os interliga, isto é, o tema da desterritorialização engendrada pela experiência da imigração e do exílio que os narradores herdaram dos seus familiares. Através das linhas conduzidas pela memória, em ambas as narrativas, os sujeitos, desde um olhar fronteiriço, realizam um constante exercício de volta ao passado, resgatando os fragmentos de histórias e sagas com as que objetivam recompor tanto a identidade coletiva de seus ancestrais quanto a individual. Neste estudo, dedicamo-nos a analisar como se dão os mecanismos de construção de identidades transnacionais, fragmentadas e fluidas, que por sua vez, se mostram capazes de ressignificar o sentido de transitoriedade e a sensação de desenraizamento convencionalmente representados nas narrativas produzidas a partir do exílio.

**Palavras-chave:** identidade transnacional, narrativa hispano-americana contemporânea; literatura e deslocamento.

### Abstract

In this study, we will examine subjectification processes operated by emerging subjects in two contemporary Hispanic-American narratives: *Árbol de familia* (2010), by María Rosa Lojo, and *Una vez Argentina* (2014), by Andrés Neuman.



*Una vez Argentina* (2014), by Andrés Neuman. We aim to highlight the way their discourses project, in terms of structure, the cracks and displacements that constitute the identity of the same subject who enunciates the discourse. Despite their aesthetic and stylistic singularities, the reports present a common semantic axis which links them, i.e. the theme of deterritorialization engendered by the experience of immigration and exile the narrators inherited from their family members. Through the lines driven by memory, in both narratives, the subjects, from a frontier look, constantly look back at the past, rescuing fragments of stories and sagas through which they aim to restore both their ancestors' collective identity and their individual identity. In this study, we are dedicated to analyzing how the transnational identity construction mechanisms — fragmented and fluid — occur, which, in their turn, are capable of reframing the sense of transience and the sense of uprooting, conventionally represented in the narratives based on the exile.

**Keywords:** transnational identity, contemporary Hispanic-American narrative; literature and displacement.

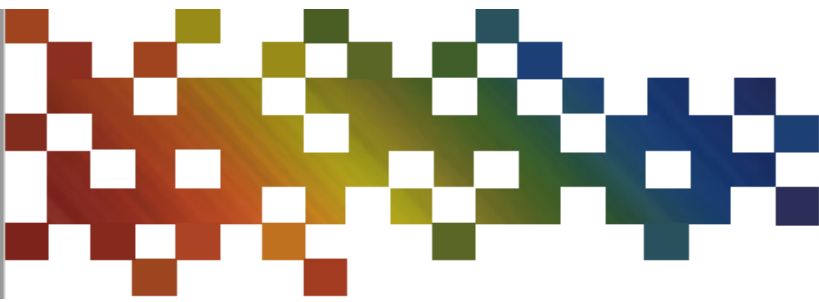
### Resumen

En este trabajo examinaremos los procesos de subjetivación llevados a cabo por los sujetos emergentes en dos narrativas hispanoamericanas contemporáneas, *Árbol de familia* (2010), de María Rosa Lojo, y *Una vez Argentina* (2014), de Andrés Neuman, con el fin de resaltar cómo sus discursos proyectan, a nivel estructural, las fisuras y los desplazamientos que constituyen la identidad del mismo sujeto que los enuncia. Pese a sus singularidades estéticas y estilísticas, los relatos presentan un eje semántico común que los hermana, es decir, el tema de la desterritorialización engendrada por la experiencia de la inmigración y del exilio que los narradores heredan de sus familiares. Por las líneas conducidas por la memoria, en ambas narrativas, los sujetos, desde una mirada fronteriza, realizan un constante ejercicio de vuelta hacia el pasado, rescatando los fragmentos de historias y leyendas con las que objetivan recomponer, a la vez, la identidad colectiva de sus ancestros y la individual. En este estudio, nos dedicamos a investigar cómo operan los mecanismos de construcción de identidades transnacionales, fragmentadas y fluidas, que, a su vez, son capaces de resignificar el sentido de transitoriedad y el desarraigo a menudo representados en las narrativas producidas a partir del exilio.

**Palabras clave:** identidad transnacional, narrativa hispanoamericana contemporánea; literatura y desplazamiento.

## 1. Introdução

Desde a última década do século XX, a crítica literária se dedica a examinar, sob diferentes perspectivas teóricas e dispositivos hermenêuticos, os processos de construção discursiva e identitária de sujeitos em trânsito inscritos nos chamados territórios flutuantes (AÍNSA, 2010, p. 05. Tradução da autora) da literatura hispano-americana contemporânea. Enredar-se por essas sendas textuais, significa cruzar os limiares de um espaço transfronteiriço,



em que os conceitos de identidade, nação e nacionalidade, bem como o sentido de pertença, são problematizados e revisados ao longo de um mecanismo de escritura interceptado continuamente pela sobreposição de memórias, vozes e afetos inerentes à condição transmigrante do seu criador.

A mobilidade humana constitui fonte primordial da história das civilizações e, em todas as épocas, é inegável a sua interferência na práxis literária. Entretanto, considerando os albores do novo milênio atravessado pelas dinâmicas do fenômeno da globalização e o avanço da economia de mercado, é possível notar, como afirma Burkhard Pohl (2005, p. 55) que a migração na América Latina já se impõe como uma realidade cotidiana que convoca tanto o deslocamento de uma massa trabalhadora mais vulnerável economicamente, quanto o de indivíduos procedentes de camadas sociais médias que, por diferentes razões – dentre elas a crise econômica, perseguições políticas, conflitos bélicos, entre muitas outras –, decidem deixar a terra natal para seguir rumo a novos horizontes. Segundo pontua Pohl (2005, p. 55), trata-se de um contexto sociocultural que inevitavelmente afeta os escritores latino-americanos, para os quais a experiência do trânsito instaura-se como um referente biográfico que, por vezes, é sintetizado criativamente em sua escrita. Habitando as fronteiras de dois, ou mais universos culturais, esses autores contemporâneos ensejam, portanto, a edificação de uma literatura transnacional de natureza movediça, porosa ao intercâmbio de ideias e às experiências estéticas.

Nômades culturais, esses sujeitos concebem a travessia como signo da própria identidade. Dentro desta perspectiva é possível averiguar, como adverte Maria Josele Bucco Coelho (2015), que os processos de mobilidade implicam na conseqüente dissolução dos limites da tríade autor/língua/nação, ao estabelecerem novas redes e reinventarem um estar-no mundo que ultrapassa a ideia de cultura e nação unificada (BUCCO COELHO, 2015, p. 16). Ao embaralhar ou apagar os contornos que convencionalmente delimitam as dimensões do local, do nacional ou do global, as narrativas contemporâneas conduzem também a revisão da própria noção de pertencimento, a qual se torna cada vez mais complexa e longe de ser unívoca. Dada a sua condição intersticial, a literatura hispano-americana dos últimos anos ascende como instância discursiva em se que opera o embate e a confluência entre elementos culturais e identitários de distintas procedências. Das tensões decorrentes desse encontro de vozes, afloram os novos paradigmas – provisórios – de identificações e identidades possíveis, forjadas,



sobretudo, para além dos nacionalismos literários e das concepções essencialistas de identidade cultural.

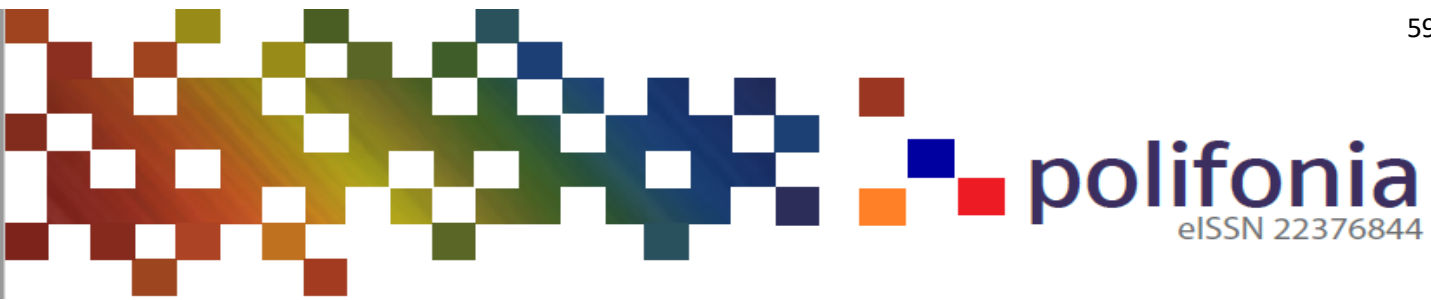
Vinculando-se a esses modelos emergentes de narrativas transfronteiriças estão as obras objeto de análise deste trabalho, *Árbol de familia* (2010), de María Rosa Lojo, e *Una vez Argentina*<sup>1</sup>(2014), de Andrés Neuman. Constituídas por vozes localizadas nas encruzilhadas culturais e linguísticas, esses relatos apresentam um discurso ficcional permeado pelas fissuras e tensões que atravessam e nutrem constituição identitária e fragmentada do sujeito que o enuncia. O objetivo, portanto, é examinar os processos de subjetivação mobilizados na elaboração de uma identidade plural, cindida, fluída, que, articulando-se a partir de “múltiplas lealdades” (AÍNSA, 2010, p. 3. Tradução da autora), logre ressignificar o espírito de transitoriedade e o sentimento de desarraigo frequentemente representados nas narrativas produzidas desde o exílio, sob o olhar melancólico e nostálgico daquele que o vivencia.

Herdeiros diretos dos impactos desencadeados pela experiência diaspórica (seja o exílio, a imigração voluntária ou não, entre outras), “como se a genética operasse também no sentido cultural e social, e não apenas a nível biológico” (MUÑIZ-HUBERMAN, 1999, p. 21. Tradução da autora), os protagonistas desses relatos são os porta-vozes da segunda geração de famílias que, por diferentes motivos, cruzaram o Atlântico e reconstruíram suas vidas em uma terra de acolhida. A maneira pela qual os narradores reelaboram o sentido do trânsito convertendo-o em um lugar passível de ser habitado, permite-nos repensar os mecanismos de subjetivação e os processos de construção identitária plasmados esteticamente em seus discursos desde a perspectiva do sujeito transnacional. Este, tal como descreve Janet Paterson, remete a uma categoria de sujeito que se notabiliza por rejeitar “a noção de uma identidade formada a partir dos critérios de raça ou de local de origem em proveito de uma identidade complexa, mutável, frequentemente multicultural e exterior ao recinto das lembranças”. (PATERSON, 2015, p.182).

Ao contrário do migrante que, segundo Paterson, vive como se estivesse “à deriva: preso em suas origens, assombrado por seu passado e seu país natal, ao qual não pertence mais” (PATERSON, 2015, p. 182), o sujeito transnacional busca estratégias de superação da crise

---

<sup>1</sup> Neste trabalho analisamos a versão revisada e ampliada da obra *Una vez Argentina*, publicada em 2014, pela Editora Alfaguara. Ver referências.

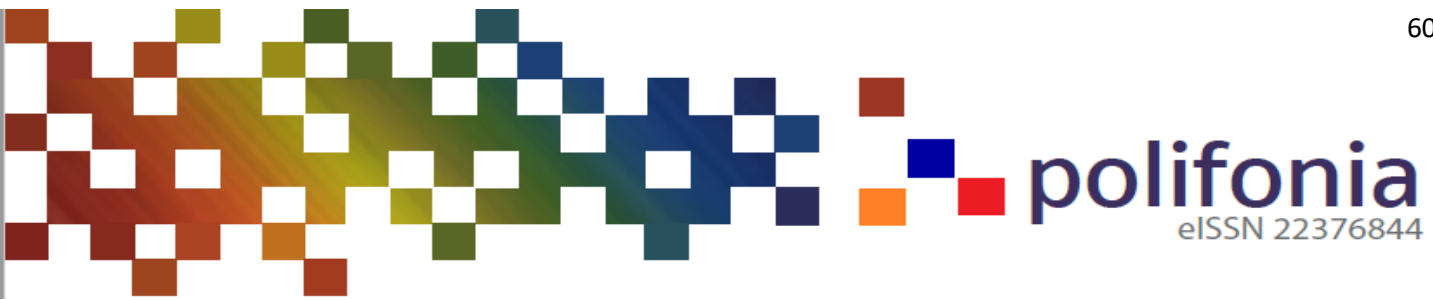


deflagrada pelo desenraizamento e pela, conseqüente, sensação de perda identitária, mediante a instauração de um espaço limiar, desde onde articula os distintos valores e afetos na elaboração de identidade alternativa com a qual revisa o próprio sentido do pertencimento. Nesse caso, o prefixo “trans” implica o processo de formação identitária erigido nas permeáveis zonas de intersecção cultural, ultrapassando as fronteiras políticas e geográficas. Recusando definições estanques, o transnacionalismo distancia-se das concepções fechadas e monolíticas de identidade e nação “em proveito da pulverização, da heterogeneidade e da movência” (PATERSON, 2015, p. 182).

Na escritura dos sujeitos transnacionais, verifica-se a configuração de um campo discursivo em que se é possível auscultar as vozes excêntricas de narradores expostos a um contínuo exercício de tradução, por meio do qual assimilam, negociam e reinventam “uma geografia alternativa do pertencimento” (AÍNSA, 2010, p. 3. Tradução da autora), evocando a ideia de uma cidadania cultural cada vez mais circulatória e transatlântica, que flexibiliza os limiares genéricos e literários do hispanismo atual. A seguir, demonstraremos como *Árbol de familia* e *Una vez argentina* contribuem para o redimensionamento da cartografia literária hispano-americana contemporânea, ao propor outros modelos e lugares de enraizamento que, fugindo da lógica binária representada pela metáfora da árvore-raiz, referendaram, por meio da palavra escrita, o terceiro espaço onde simbolicamente se instituem as bases de identidades que se assumem deliberadamente multi ou extraterritorial.

## **2. Breves considerações sobre a autoficção: o gênero ambíguo**

Situada na encruzilhada dos gêneros textuais, movendo-se entre os imprecisos contornos da autobiografia, do romance e do relato memorialístico, está a autoficção. Apesar dos porosos limites, esta modalidade narrativa parece definir-se por seu aspecto híbrido. O termo derivado de um neologismo é aplicado pela primeira vez em 1977, por Serge Doubrovsky, que o formula para explicar a singularidade característica de sua obra *Fils*, descrita como uma ficção de acontecimentos e fatos estritamente reais. A criação do conceito surgiu da necessidade de se questionar um eixo argumentativo da teoria de Phillipe Lejeune (1975) acerca do pacto autobiográfico. Este último designa o contrato de leitura que, pautado pelo princípio da veracidade e da identidade entre autor, narrador e personagem, conduz o leitor a interpretar

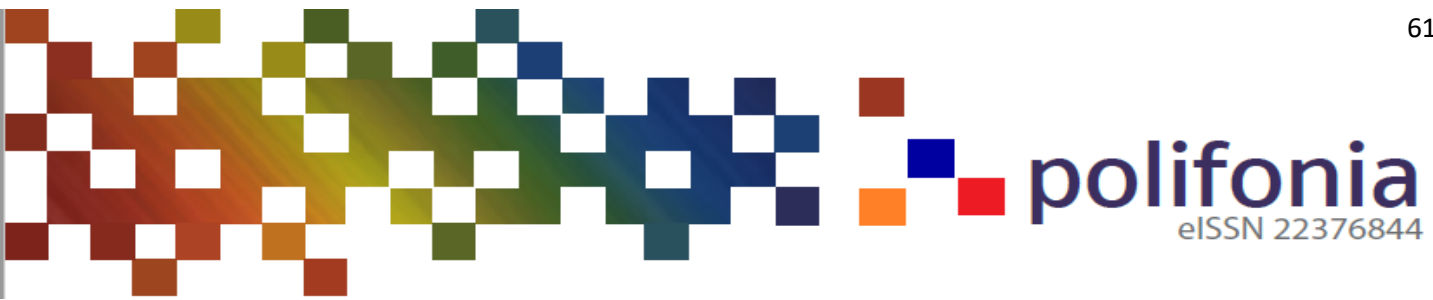


como acontecimentos verídicos, os episódios narrados em uma autobiografia, distinguindo-se assim do romance autobiográfico, cuja leitura deveria ser orientada pelo pacto ficcional.

Nem autobiografia, nem romance autobiográfico, a autoficção, tal como pensada por Doubrovsky comprova que, apesar da possível coincidência no plano discursivo entre as três instâncias (autor, narrador e personagem), uma narrativa não precisa ser lida necessariamente como sendo uma compilação de fatos estritamente reais. Diante dessa constatação, reclama a urgência do estabelecimento de outros contratos de leitura que iluminem as nuances de textos movediços entre as esferas referencial e fictícia.

Em diálogo com Doubrovsky, Manuel Alberca (2007, p. 128. Tradução da autora) define a autoficção como “um romance que simula ou aparenta ser uma autobiografia”, caracterizando-se por alterar a expectativa do leitor, uma vez que a identidade nominal entre personagem e autor, insinuada de modo confuso e contraditório, já não garante a veracidade pressuposta pelo gênero autobiográfico. Como alternativa, o contrato travado com a obra deve ser mediado pelo pacto ambíguo, sem inclinar-se totalmente aos fatos verídicos, nem à invenção romanesca. Trata-se, pois, da instauração de uma ambiguidade discursiva deliberada que, ao chamar atenção para o caráter ficcional do eu que narra, relega a um segundo plano a necessidade de se comprovar a autenticidade dos argumentos relatados, posto que o discurso - jogando simultaneamente com o real e o ficcional - transita livremente pelas fronteiras destas duas instancias.

O pacto ambíguo, de acordo com a definição proposta por Alberca (2007), aparenta ser uma estratégia válida para nortear a leitura de *Árbol de familia* e *Una vez Argentina*. Ambos textos, assumem a ambivalência da escrita autoficcional. María Rosa Lojo, por exemplo, ao anunciar a publicação do seu relato, afirma: “*Árbol de familia* [...] retoma os passos do meu primeiro romance [*Canción perdida en Buenos Aires al Oeste*] para abordar a história de uma família espanhola que reflete alguns traços da minha, e provavelmente de muitas outras” (LOJO, 2013, p. 60. Tradução da autora). Em outras palavras, embora *Árbol de familia* recupere dados biográficos, a narrativa igualmente almeja a universalidade de sentido ao perseguir a transcendência do real. Para lograr tal efeito estético, a autora manipula com destreza os recursos literários com a finalidade de recriar ficcionalmente o eu, compondo uma auto-imagem difusa, coincidente em alguns pontos com dados referenciais. O prólogo do relato respalda a configuração ambígua do discurso narrativo. Empregando uma estrutura anafórica, a narradora



se apresenta aos leitores de modo esquivo, pois, ao não revelar seu nome, apenas esboça os ramos da árvore genealógica da qual descende:

Sou a bisneta da feiticeira [...], sou a neta de Ramón [...], sou a neta de Rosa [...], sou a filha distante daqueles séculos que se desgarraram de Corcubión e da Costa da Morte [...], sou a filha imediata de Antón, *el rojo*, [...] também, pelo lado de minha mãe, sou a bisneta de Dona Adela [...], sou filha de Ana, *la bella* [...]². (LOJO, 2012, p. 11-12. Tradução da autora)

A busca pela identidade constitui o eixo semântico em torno do qual a narradora tece o seu relato, reunindo fragmentos de histórias longínquas e de múltiplas procedências que vagam pelos corredores de sua memória. A maneira oblíqua de como Rosa se apresenta aos leitores imprime à narrativa a tensão gerada pela incerteza e pela dúvida em relação ao caráter estritamente referencial das ações representadas ficcionalmente, deslocando o relato do campo referencial da autobiografia, para inseri-lo na zona transfronteiriça da autoficção, espaço limiar onde a protagonista dá início ao processo de reescritura de sua saga familiar, para, finalmente, reencontrar-se a si mesma enquanto sujeito.

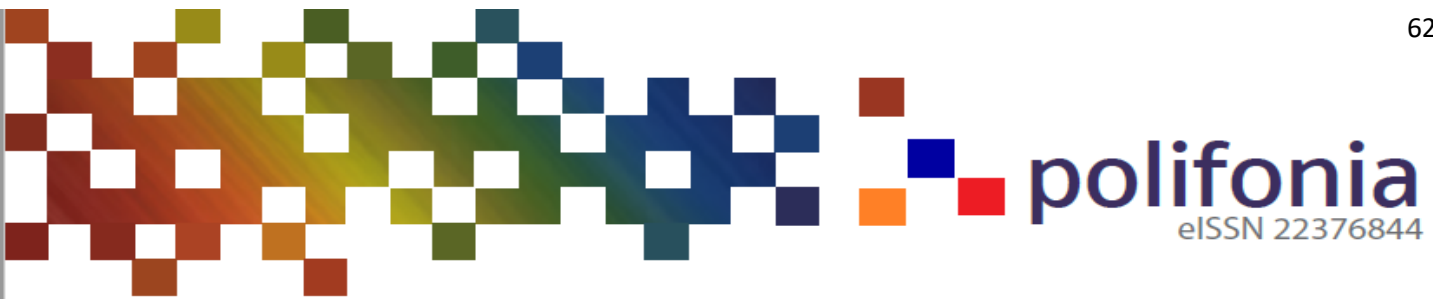
O narrador onomástico, Andrés Neuman, em *Una vez Argentina*, também maneja um discurso oscilante que, apesar de ser baseado em acontecimentos verificáveis empiricamente, não os considera de todo confiáveis. Logo no primeiro capítulo, deixa claro seu objetivo de recuperar as memórias de seus antepassados para salvá-las do esquecimento. Entretanto, assume que para realizar sua tarefa, terá que completar as lacunas de uma carta deixada pela sua avó Blanca, que já se apresentava com as letras levemente apagadas devido a passagem do tempo. Diante desse desafio, adverte o leitor acerca das possíveis vacilações de uma memória formada por “uma parte histórica, uma parte casual e outra inventada”³ (NEUMAN, 2014, p. 15. Tradução da autora).

A instauração do pacto ambíguo de leitura se confirma quando o narrador declara estar representando “personagens imaginado o que recordam, recordando o que imaginam. É verdade? É mentira? Não são essas as perguntas”⁴ (NEUMAN, 2014, p. 23. Tradução da

² Cf. “Soy la bisnieta de la hechizada [...], soy la nieta de Ramón [...], soy la nieta de Rosa [...], Soy la hija remota de aquellos que hace siglos se desgarraron de Corcubión y de la Costa da Morte [...], soy la hija imediata de Antón, el rojo [...], también, por el lado de mi madre soy la bisnieta de doña Adela [...], soy la hija de Ana, la bella, [...]”.

³ Cf. “[...] una parte histórica, una parte casual y otra inventada”.

⁴ Cf. “[...] personajes imaginando lo que recuerdan, recordando lo que imaginan. ¿Es verdad? ¿Es mentira? No son esas las preguntas”.



autora). Recordar e inventar configuram ações que se confundem no relato conduzido por um protagonista que, ao descobrir sua vocação literária, faz questão de enfatizar a sua “precoce inclinação às mentiras contadas com toda sinceridade”<sup>5</sup> (NEUMAN, 2014, p. 130. Tradução da autora).

Graças a estratégia discursiva adotada, soa-nos verossímil que, nesse universo ficcional, o narrador lembre as cenas sucedidas em sua vida intrauterina, dado esse não factível desde o ponto de vista biológico; ou, ainda, que nos confesse a necessidade de escrever seu avô Mário, do qual lhe restam poucas recordações: “todos precisamos de um avô, e assim insisto em te escrever. Se não estás, permita-me que eu te invente. Mário, avô”<sup>6</sup> (NEUMAN, 2014, p. 118. Tradução da autora). Por todos os exemplos mencionados, é possível notar que *Una vez Argentina* se apropria esteticamente da ambiguidade do discurso autoficcional para questionar a rigidez das fronteiras entre o mundo exterior – empírico – e a literatura.

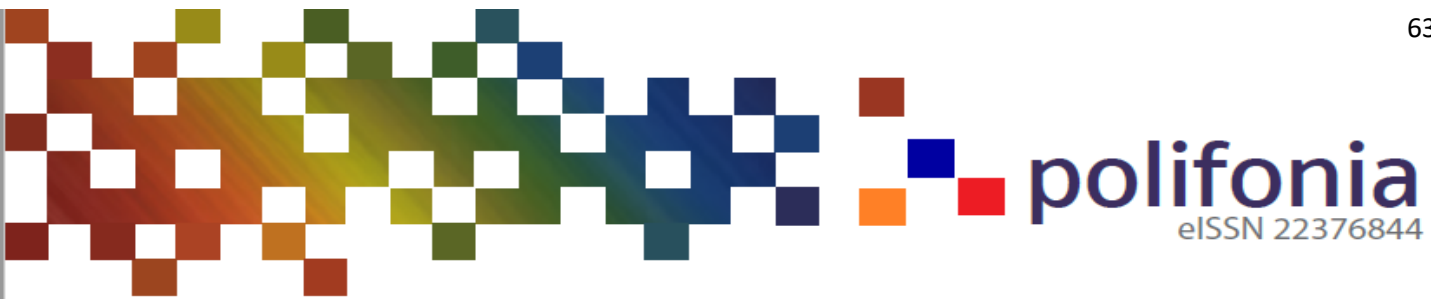
Instância movediça, forjada pela sobreposição de gêneros, vozes e temporalidades, a narrativa autoficcional guarda uma correlação com o contexto literário que condiciona a sua ascensão. Para Manuel Alberca, “a autoficção vem para testemunhar a crise e a afirmação de um sujeito fragmentado e de identidade instável” (ALBERCA, 2007, p. 28. Tradução da autora). Sob essa perspectiva, é plausível assinalar que a emergência das subjetividades fraturadas, cindidas e de índole transnacional, resultantes dos contínuos processos de mobilidade cultural intensificados na América Latina, ensejam a formação de um gênero híbrido que, dotado de uma dimensão marginal e descentralizada, tal como designa Ouellette-Michalska (2007), pode ser concebido como território possível e potente esteticamente para a expressão de constituições identitárias fluídas e relacionais que, de modo análogo à autoficção, resistem a definições rígidas e estáveis. A seguir, procedemos ao exame dos processos de subjetivação que dão lugar às identidades transnacionais em *Árbol de familia* e *Una vez Argentina*.

### 3. A travessia das memórias: sulcando identidades transnacionais

<sup>5</sup> Cf. “[...] temprana inclinación a las mentiras contadas con toda sinceridad”.

<sup>6</sup> Cf. “[...] todos necesitamos un abuelo, así que insisto en escribirte. Si no estás, déjame que te invente. Mario, abuelo”.



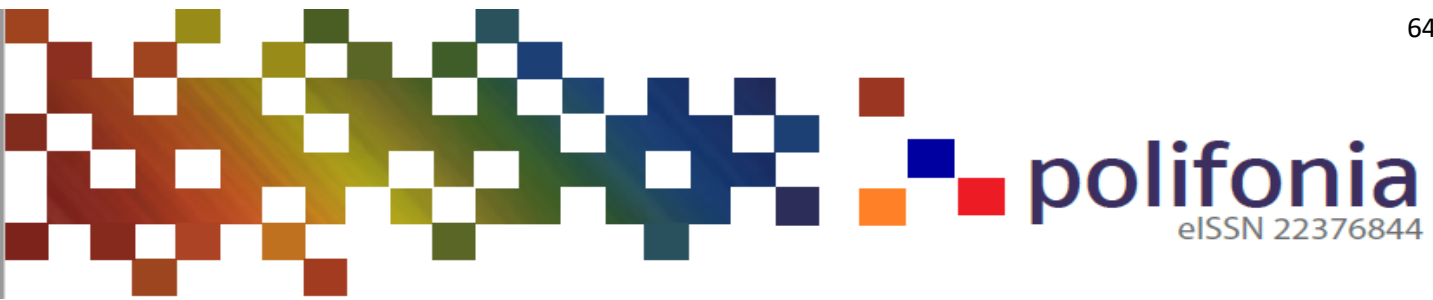


Como vimos, tanto *Árbol de familia* quanto *Una vez Argentina* apresentam-se como uma espécie de mosaico tecido por retalhos de memórias, cujo ordenamento estético resulta na composição de um discurso ambíguo que os situa na indecisa zona da autoficção. É por meio do ato mnemônico que os sujeitos empreendem uma busca de si próprios através da reescrita da saga de seus familiares. Para Candau (2011), a busca memorial constitui um “trabalho de reapropriação e negociação que cada um deve fazer em relação a seu passado para chegar a sua própria individualidade” (CANDAU, 2011, p. 16). Nesse sentido, memória e identidade revelam-se como fenômenos imbricados. É, pois, entrelaçando as linhas das memórias que os protagonistas buscam subjetivar os trânsitos experimentados em ao longo de suas vidas, ressignificando as relações com os espaços pelos quais circulam, para assim recriarem sentidos de pertencimento, localizados além de laços consanguíneos ou das fronteiras geopolíticas.

*Árbol de familia*, como mencionado anteriormente, reconstitui as múltiplas histórias que habitam a memória de Rosa, a narradora. Filha de Antón, *el rojo*, e Ana, *la bella*, espanhóis que após a guerra civil decidem migrar para a Argentina a fim de fugir das hostilidades do governo franquista, Rosa acaba, inevitavelmente, convertendo-se em herdeira do sentimento de desarraigo resultante da condição de exílio de seus progenitores. Para superá-lo, apropria-se do exercício da escritura, concebendo-o como forma de suturar as cisões perpetradas pelo tempo e, também, como meio de salvaguardar as lembranças que garantem a continuidade da existência pós-morte. Além disso, o poder revigorante da palavra escrita vislumbra-se como espaço onde Rosa funda a sua identidade possível mediante da qual busca se institui enquanto sujeito.

O ato mnemônico associado a escritura funcionam em *Árbol de familia* como instrumentos com os quais a narradora logra atribuir novos sentidos a uma existência fragmentada, aprisionada a um lugar entrelaçado a duas dimensões espaço-temporais: “a real-aparente, a que se pisa com os pés, e a real-essencial, a que os pés não podem roçar e nem os olhos vivos conseguem ver: mítico reino da Origem, fonte primordial, onde o sangue se faz matéria, onde se oculta a raiz da memória”<sup>7</sup>(LOJO, 2010. Tradução da autora). Entre a

<sup>7</sup> Cf. “[...] la real-aparente, que pisan con sus pies, y la real-essencial, que ni rozan los pies ni ven los ojos vivos: mítico reino del Origen, fuente primordial, donde se ha hecho la materia de la sangre, donde se oculta la raíz de la memoria” (LOJO, 2010)



materialidade do presente inapreensível e a abstração de um passado idealizado, vagam os exilados filhos, “condenados ab initio à Metafísica”<sup>8</sup> (LOJO, 2010. Tradução da autora).

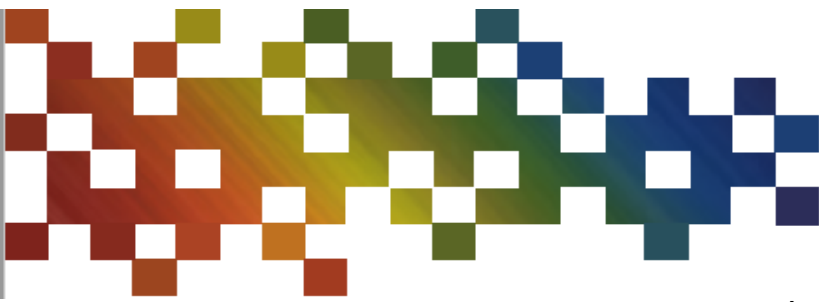
A ambientação em que a narradora se encontrava inserida na infância ilustra tal ideia. Rosa foi criada por uma família que buscava transplantar os aspectos culturais da Espanha a Buenos Aires, resistindo, dessa forma, integrar-se ao universo sociocultural - e linguístico - da Argentina. Para o pai da narradora, o fato de sua filha ter nascido em terras americanas configurava-se como uma fatalidade, pois, de acordo com o seu desejo – nunca concretizado – a família logo regressaria à pátria de origem. Assim, o sentido de transitoriedade que lhe fora transmitido como legado impõe-se como aspecto cultural e identitário a ser ressignificado por Rosa a partir do momento em que ela ingressa na vida escolar, dando início ao lento, porém contínuo, processo de reterritorialização fundamental para reconectá-la a cultura do país natal.

O terceiro espaço onde Rosa erige sua morada aparece representado inicialmente pelo prólogo, considerado o umbral em que se dá o entroncamento das duas instâncias mobilizadas pelo processo de subjetivação da narradora, ou seja, os níveis do real-essencial [Espanha] e o real-aparente [Argentina]. Nesta fenda atemporal, fronteira, ambígua e inconclusa, o relato é enunciado a partir do tempo presente, tendo como base uma estrutura anafórica que, como aludido anteriormente, materializa de forma esquiva a apresentação das origens de Rosa, a qual nesse momento ainda prefere omitir o seu nome dos leitores. Nesse entre-lugar, a narradora anuncia seu projeto de literário, propondo-se a navegar pelo mar de memórias ancestrais. Com o olhar distanciado, trata de reescrever as narrativas derivadas de sua árvore genealógica, repensando a procedência de suas raízes e o sentido de pertencimento, para assim, ressemantizar as dinâmicas de desterritorialização e reterritorialização que, até então, havia atado o destino dos seus antepassados a um país chamado exílio. Dentre os elementos formais que plasmam esteticamente esses trânsitos, destacamos a relevância das epígrafes para a estruturação do discurso ficcional.

Porta de entrada ao prólogo, a primeira transcreve a seguinte quadra de Boyacá: “Sou um galho de árvore caído/ que não sei onde caiu/ Onde estarão minhas raízes?/ De que árvore é o meu ramo?”<sup>9</sup> (LOJO, 2012, p. 09. Tradução da autora). Extraídas do imaginário popular colombiano, os versos remetem simbolicamente ao tema da busca da identidade que perpassa

<sup>8</sup> “condenados ab initio a la Metafísica” (LOJO, 2010).

<sup>9</sup> Cf. “Soy gajo de árbol caído/ que no sé dónde cayó/ ¿Dónde estarán mis raíces? / ¿De qué árbol soy rama yo?”

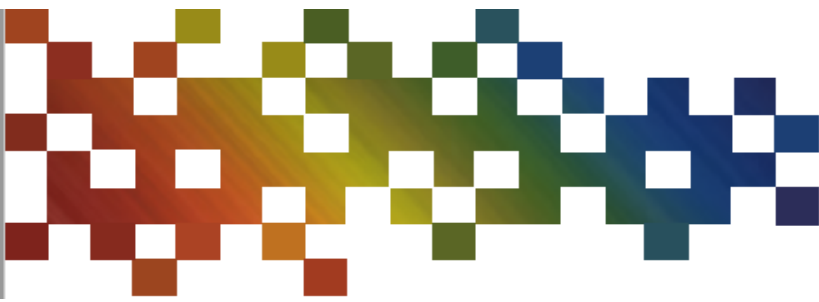


a literatura latino-americana, a qual, em *Árbol de familia*, parece confundir-se com àquela empreendida pela própria protagonista. A segunda epígrafe recupera fragmentos de *Cantares Galegos* (1863), de Rosalía de Castro, considerada obra fundadora da literatura galega moderna. E, por fim, a terceira reproduz os primeiros versos do *Cantar de Mio Cid*, cânone da literatura espanhola. Logo, averiguamos que as três seções de *Árbol de familia* são introduzidas mediante a citação de fragmentos literários que, ao evocarem noções relativas à mobilidade humana (vinculadas às ideias do desterro, imigração e exílio), logram sintetizar no plano da linguagem as tensões envolvidas no reconhecimento de identidades resultantes do constante movimento das chegadas e partidas. Ao mesmo tempo, o diálogo intertextual estabelecido por tais recursos paratextuais delinea os limiares da encruzilhada cultural transatlântica - entre a Argentina e diferentes zonas da Espanha (Galícia, Castela e Andaluzia), por onde Rosa circula e negocia os sentidos de sua existência movediça, agenciando enraizamentos múltiplos que ensejam o esboço de uma geografia alternativa do pertencimento.

Após o prólogo, o relato se divide em duas partes: a primeira, dedicada às memórias da família paterna, intitulado em galego *Terra pai*; e, a segunda, reunindo as narrativas do lado materno, recebe o nome de *Lengua Madre*. *Terra e Lengua*, territorialidades enunciadas a partir do entrelaçamento de dois idiomas, espanhol e galego, fundem-se na constituição de um ser que se lança à deriva no afã de reconstruir o mapa incompleto e ambicioso da trama de seus antepassados, e também de si mesma.

No intuito de superar o vazio existencial deixado pelo suicídio de sua mãe, Rosa associa a sensação de abandono desencadeada por esse fatídico episódio, ao mítico passado familiar, rememorando os signos que prematuramente já haviam assinalado o seu destino ao desterro, entre eles: os livros de viagens conservados por sua tataravó paterna Maria Antonieta que, anos mais tarde, teriam influenciado seu avô Ramón a migrar para Argentina em fins do século XIX, empreendendo assim a quixotesca aventura em terras americanas que o levaria a conhecer Rosa, avó da narradora, personagem fundamental para quem o deslocamento significou a traumática cisão identitária. Fratura essa que passa a ser transmitida como legado que selaria a existência de seus descendentes.

A representação do sentimento do exílio como herança é traduzida esteticamente pelo modo como a narradora vai sugerindo obliquamente o seu nome, antes de revelá-lo diretamente ao leitor, como forma de materializar no plano da linguagem o próprio processo paulatino de



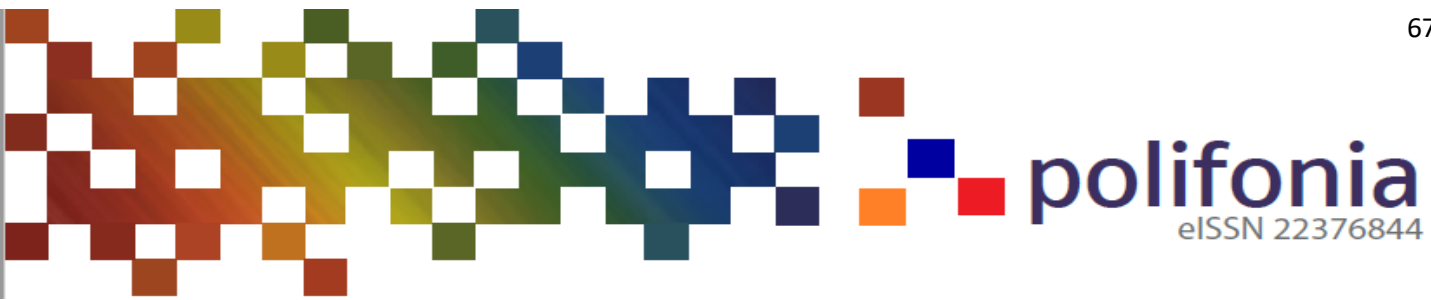
redescoberta de si. A menção à futura chegada de uma neta chamada Rosa - essa sim, a narradora - dissolve-se na confusa interpretação de seu bisavô Luís Ventoso (pai da Rosa avó) sobre o devir profetizado pelo demônio, entidade com quem trava um pacto para ter a sua vida salva durante uma tempestade em alto-mar. Em troca da sobrevivência, Luís Ventoso estaria condenado a jamais reencontrar uma mulher de seu sangue chamada Rosa, dele separado para sempre pelas águas do oceano Atlântico. Apesar de ter sobrevivido ao naufrágio, o pescador passou o resto dos seus dias consternado pela possibilidade de nunca mais ver aquela que julgava - erroneamente - ser a sua filha Rosa, que, naqueles anos, já vivia em Buenos Aires, casada com Ramón. No entanto, o tom cifrado da profecia ocultava a verdadeira mensagem:

Haveria outra Rosa de seu sangue que o mar separaria sem remédio das coisas galegas. Outra que viveria sem vê-lo, uma desconhecida, filha de seus pais, porém sobretudo do êxodo, que levaria posto seu nome de batismo como quem porta uma joia de família, ou melhor ainda, um amuleto contra o esquecimento. Outra Rosa, sua neta, [...] a que nasceria em um país chamado exílio<sup>10</sup>. (LOJO, 2012, p. 56-57. Tradução da autora)

A narradora, simbolicamente, ao levar o nome da sua avó Rosa, dela também herdaria o destino da viagem e da espera que a havia condenado a viver eternamente alienada ao que lhe era próprio. Caberia à Rosa, filha de Antón, a desfazer os efeitos do pacto com o diabo um século depois. Mediante a incursão em um discurso atravessado pelo tom místico, com toques de lirismo, a narradora neta, trata de interligar os cabos de uma fortuna previamente traçada: o seu nascimento no país chamado exílio e a necessidade de ressignificar o sentido do desamparo e da solidão diante da implacável transitoriedade da existência humana.

Se em *Árbol de familia* o exílio representa o lugar de “articulação substantiva da vida”, ou “instância fundadora da existência” (LOJO, 2002. Tradução da autora), materializando-se sob o prisma da predestinação que urde em ser revisada, em *Una vez Argentina*, o deslocamento configura-se como elemento intrínseco à natureza humana. Por essa razão, a maior parte das personagens que circulam pela narrativa notabiliza-se por sua condição migrante. A índole desenraizada e heterogênea dos antepassados do narrador onomástico, Andrés Neuman, aparece plasmada em uma rasura presente na carta deixada por sua avó materna, Blanca, que possuía

<sup>10</sup> Cf. “Habría otra Rosa de su sangre que el mar separaría sin remedio de las cosas gallegas. Otra que viviría sin verlo, una desconocida, hija de sus padres pero sobretudo, del éxodo, que llevaría puesto su nombre de bautizo como quien porta una lejana joya de familia, o mejor aún, un amuleto contra el olvido. Otra Rosa, la nieta de la suya, [...] la que nacería en un país llamado exilio”.



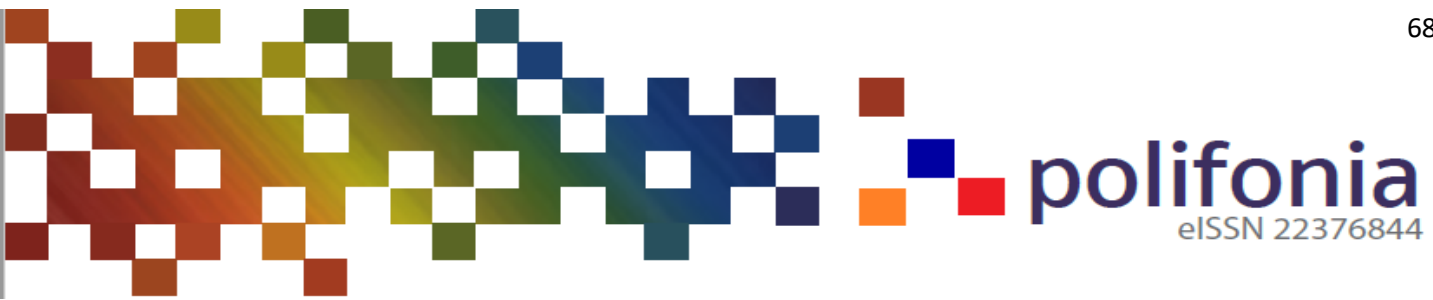
origens crioula e francesa. A tentativa malograda de se apagar um desvio ortográfico gerado pela interferência do francês na gramática espanhola “não consegue apagar por completo a confusão de pátrias, músicas e palavras das quais todos estamos feitos”<sup>11</sup> (NEUMAN, 2014, p. 277. Tradução da autora). Seja pelo exílio, pelo desterro ou, ainda, pela imigração voluntária, o trânsito se institui como vetor determinante na representação das personagens que compõem a narrativa de Neuman, engendrando, assim, a atualização do sentido atribuído ao resgate das memórias no discurso ficcional.

Em *Una vez Argentina*, Neuman evoca a memória coletiva de sua família para salvá-la do esquecimento. Para chegar a esse objetivo promove uma viagem às avessas por meio da qual realiza uma volta ao passado e revisita as lembranças de sua infância e juventude. Assim, no decorrer de uma narrativa fragmentada, composta por 75 relatos breves, ordenados de maneira não linear, Neuman rememora um ciclo de sua vida compreendido no período delimitado entre o ano de seu nascimento em Buenos Aires, 1977, e a data de sua partida para a Espanha ocorrida em abril de 1991, quando aos 14 anos, acompanhando os seus pais, migra à cidade de Granada. Nota-se que essa mudança acontece justamente no início da primavera europeia, metaforizando também o seu renascimento como estrangeiro. Entrecortando a narrativa de sua vida, estão as memórias familiares, dispostas de forma descontínua e não linear.

Assim como em *Árbol de familia*, o destino errante igualmente figura como um espólio familiar a ser transmitido aos descendentes das gerações futuras. Entretanto, averiguamos que, em *Una vez Argentina*, essa herança não implica a superação de um trauma coletivo anterior, mas revela-se como uma instância de recomeços que permite ao sujeito traçar novos rumos para sua existência. Logo, depreendemos que, se, à princípio, no relato de Neuman, o ato mnemônico é anunciado como uma estratégia para impedir o esquecimento; em um segundo nível de leitura, podemos perscrutar outro sentido implícito ao propósito de retorno às origens, isto é, o de demonstrar a natureza convencional e processual das tradições e imagens identitárias, que antes de serem retratadas como fonte primordial unívoca, pura e homogênea, instituem-se enquanto espaços moveáveis, construídos discursivamente mediante o jogo estabelecido entre a memória e a historiografia, entrelaçadas pelas linhas ficção.

---

<sup>11</sup> Cf. “[...] no alcanza a tapar por completo la confusión de patrias, músicas y palabras de la que todos estamos hechos”.



Para ilustrar sua concepção, Neuman relata a história de seu bisavô Jacobo. Esse, para fugir das obrigações militares na Sibéria, salva sua própria vida “trocando de identidade e renascendo como estrangeiro. Em outras palavras, tornando-se ficção”<sup>12</sup>. (NEUMAN, 2014, p.15. Tradução da autora). A anedota revela a origem clandestina e inventada do sobrenome Neuman, adquirido em decorrência de um passaporte roubado de um soldado alemão. Em outra passagem, o narrador também recupera o drama vivido por seu bisavô Martín Casaretto que, filho de uma mestiça de origem humilde, decide deliberadamente criar um sobrenome fictício para romper com o próprio pai, negando filiar-se ao homem que abandonou a família para casar-se com outra mulher procedente de um círculo social de maior prestígio. Desta forma, além de ter se apartado do indesejado parentesco, Martín Casaretto introduz uma linhagem genealógica alternativa, cuja história seria reescrita pelos descendentes das gerações vindouras, que, parecem terem herdado desse homem a vocação militante e o engajamento às causas peronistas que “ocupariam um século da família e a cabeça de todo o país”<sup>13</sup> (NEUMAN, 2014, p. 185. Tradução da autora). Ao rememorar essas e outras anedotas, Neuman deixa entrever a sua noção de identidade, a qual é entendida enquanto constructo discursivo de caráter relacional insubordinado a qualquer classe de essencialismos nacionalistas ou laços consanguíneos.

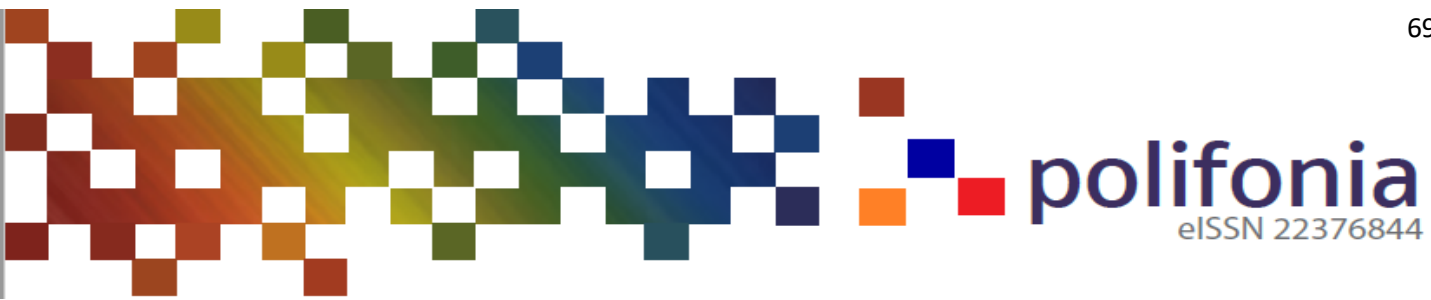
Em *Una vez Argentina*, percebemos a emergência de um narrador empenhado em relembrar/reinventar a suas próprias origens, reproduzindo, desse modo, o legado dos seus ancestrais, que, em fins do século XIX, chegaram a um “país onde todo mundo tinha ou se inventava uma família”<sup>14</sup> (NEUMAN, 2014, p. 15. Tradução da autora), a Argentina. Memória e ficção apagam as fronteiras de um discurso que se quer deliberadamente fluído e desterritorializado, tal qual a índole do sujeito que o enuncia.

Em suma, podemos inferir que o trânsito - independentemente de sua natureza - constitui o motor que impulsiona o sujeito cindido a promover a revisão das estruturas discursivas e identitárias que o constituem, processando-as desde um olhar subjetivo que, iluminando-se pelo resplendor da memória, é capaz de deslocar as bases epistêmicas e ideológicas subjacentes às categorias de identidade preestabelecidas as quais não se enquadram. Ambos narradores, Rosa e Andrés, por mecanismos de subjetivação distintos, apontam para a instauração de um terceiro

<sup>12</sup> Cf. “[...] cambiando de identidad y renaciendo como extranjero. En otras palabras, haciéndose ficción”.

<sup>13</sup> Cf. “[...] ocuparían un siglo de familia y la cabeza del país”.

<sup>14</sup> Cf. “[...] país dónde todo el mundo tenía o se inventaba una familia”.



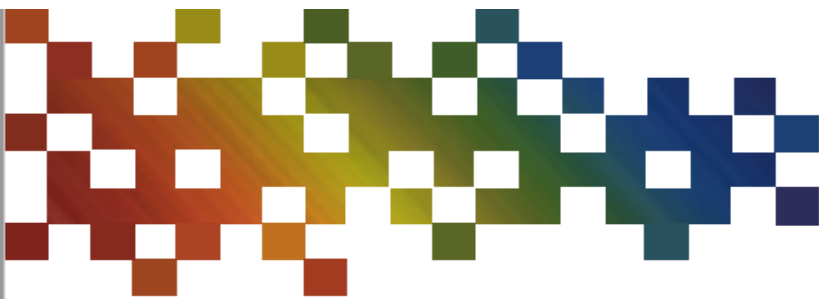
horizonte de significações, desde onde agenciam, por meio da práxis literária, suas identidades transnacionais, exprimindo assim uma forma de estar-no mundo que supera os limites de cultura e nação unificada.

### 3. A língua: a pátria em trânsito

Em *Árbol de familia* e *Una vez Argentina*, o deslocamento entendido como o local de fundação da existência humana, ao ensejar a configuração de identidades fragmentadas, movediças e transnacionais, conseqüentemente, termina por estabelecer novas articulações de pertença entre o sujeito e o espaço, das quais irrompem as relações alternas com a língua. Conforme enfatiza Coelho: “nessa conjuntura, o aporte conceitual e teórico que rege os estudos literários em sua faceta clássica - baseada na tríade um país, uma língua, uma literatura - já não comporta a singularidade das produções contemporâneas” (BUCCO COELHO, 2015, p. 18), para as quais não existe base territorial e linguística únicas e absolutas. No âmbito dessas considerações, é possível averiguar que, nos relatos por ora examinados, o discurso ficcional problematiza a noção de língua como pátria, uma vez que, os sentidos do pertencimento já não se prendem mais aos rígidos contornos identitários que perfazem os referenciais étnicos, linguísticos e socioculturais de uma comunidade imaginada.

A complexidade do valor da língua representada em *Árbol de familia* e *Una vez Argentina* demonstra que o critério da unidade linguística não pressupõe, necessariamente, a coesão identitária do sujeito que deliberadamente decide habitar a fronteira. Ao contrário, em ambas as narrativas, o espanhol institui-se como lugar de alteridade, que ao mesmo tempo demarca a identidade e assinala a diferença. Circulando pelas margens transatlânticas, os sujeitos emergentes de tais relatos, tomam consciência de sua condição migrante, a partir do contato com a variante linguística do outro, que, nesse caso, também compartilha os códigos do mesmo idioma.

O processo de reterritorialização de Rosa a seu país natal tem início a partir do momento em que a narradora é introduzida à vida escolar e, somente ao ter acesso a uma ambientação situada fora do seu núcleo familiar, nota que sua fala era diferente dos demais colegas:



Vivi, desde meu nascimento até os seis anos, entre as paredes de uma casa de adultos completamente espanhola. Ao entrar na escola, pronunciava os “ces” e os “zes” como uma recém chegada, e todos acreditavam que eu havia acabado de desembarcar de Madrid<sup>15</sup>. (LOJO, 2012, p. 246. Tradução da autora)

No trecho, a língua figura como instância fronteiriça que, num primeiro momento estabelece a distância de Rosa e sua terra de nascimento. Nesta passagem, a narradora se dá conta de sua índole bipartida, instalada entre as instâncias do real-aparente - a qual não pertencia, e do real-essencial, esfera abstrata, a qual acreditava ser fonte primordial de suas origens (Madrid). O sentido de transitoriedade que regia suas relações com Buenos Aires mantendo-a distante do que lhe era próprio, será, contudo, ressignificado em função do valor que Rosa - quando adulta - atribui à variedade dialetal herdada de sua mãe.

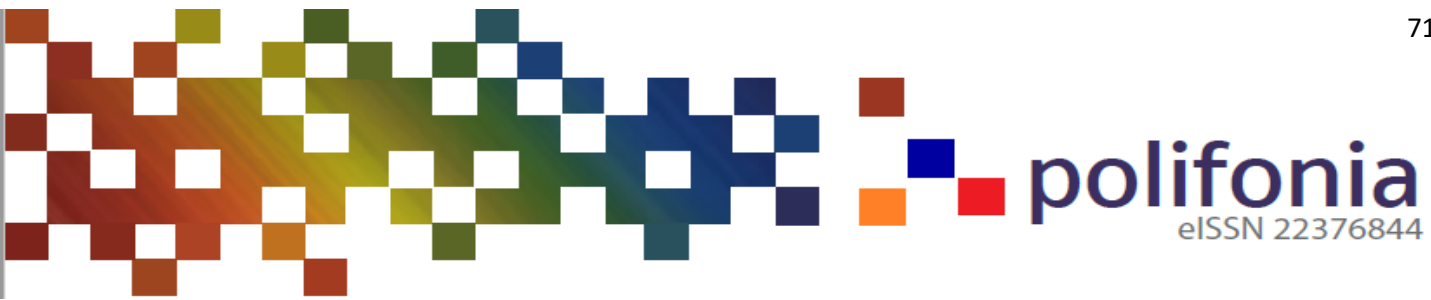
Segundo averigua Bucco Coelho (2014), a língua, em *Árbol de familia*, corresponde à territorialidade imaterial que permitirá a Rosa habitar dois mundos possíveis, já que sua mãe, Ana, *la bella*, na sua condição de desterrada, não havia deixado à filha, tal como o pai, uma terra para onde voltar, nem um espaço físico passível de ser recordado. Destarte, Bucco Coelho ressalta: “Sem uma territorialidade para recordar do lado materno, o único espaço mnemônico passível de ser habitado é a própria língua. [...]” (BUCCO COELHO, 2014, p 57). Em sua leitura, Coelho observa, portanto, o caráter unificador atribuído à língua espanhola, uma vez que, “ao ser utilizada, permite o atravessamento de lugares e o estabelecimento de uma origem, de uma linhagem que permite a Rosa, finalmente, involucrar todos os galhos aos quais se filiou” (BUCCO COELHO, 2014, p. 57).

A noção de língua mãe - conforme sugere o título do segundo capítulo da obra *Lengua madre* - apresenta-se como substrato imaterial que propicia o elo das múltiplas filiações a que a narradora deseja se vincular, e, por meio da qual também se apropria das diferentes variantes do espanhol e, igualmente, do galego, como espaços de pertencimento convocados pelos mecanismos de subjetivação que conformam sua identidade transnacional. Desde essa perspectiva, o idioma não pode ser associado ao signo da pátria, concebida territorialidade unívoca que circunscreve um Estado-nação, mas deve ser visto como passagem (ou, o corredor

---

<sup>15</sup> Cf. “Viví, desde mi nacimiento hasta los seis años, entre las paredes de una casa de adultos, completamente española. Al entrar en la escuela, pronunciaba las “ces” y las “zetas” como una recién desembarcada, y todos creían que acababa de llegar de Madrid”.





sobre o qual trataremos mais adiante) que a interliga a múltiplas margens e universos socioculturais, por onde Rosa circula e almeja estabelecer suas raízes.

Se, em *Árbol de familia*, a língua revela-se como instância que engendra o enraizamento múltiplo, em *Una vez Argentina*, aquela, num primeiro momento, irá figurar como espaço de conflitos e inquietações. Ao mudar-se para Granada, Neuman experimenta uma crise linguística que acaba por desestabilizar todos os seus referenciais identitários, principalmente no que tange a sua relação com a língua materna: “A emigração inaugurou em mim um certo conflito interno com meu próprio idioma. Uma estrangeirização da língua materna”<sup>16</sup> (NEUMAN, 2014, p. 13-14. Tradução da autora). O choque é deflagrado quando Neuman, ainda adolescente, depara-se com a variante andaluza do espanhol, momento em que se vê obrigado a reaprender seu próprio idioma, o qual, de repente, pareceu-lhe distante e estranho.

Entretanto, com o passar do tempo, o estranhamento resultante do encontro com a alteridade, é ressignificado enquanto instância de aprendizagem. A perspectiva da abertura a essa nova percepção se dá em virtude da evocação de lembranças familiares que o inspiram a encontrar meios para superar o desconcerto: “Recordei meu bisavô Jonás, que tinha deixado o iídiche para ser judeu em castelhano. Ou o meu bisavô Juan Jacinto, que tinha se transformado em um galego com sotaque portenho”<sup>17</sup> (NEUMAN, 2014, p. 272. Tradução da autora). O contínuo exercício de tradução e a busca pelas equivalências de sentidos convertem-se, assim, em estratégias de apropriação daquilo que lhe figurava alheio. Dessa forma, as tensões deflagradas pelo desenraizamento são relidas por Neuman a partir do potencial criativo inerente ao intercâmbio e às interações socioculturais.

Orientando-se por esse ponto de vista, o narrador entende que a única maneira possível de se aproximar novamente do espanhol seria reconhecendo-o como língua “única, múltipla e global”<sup>18</sup> (NEUMAN, 2010, p. 50. Tradução da autora), a qual não acabaria nunca de reaprender, traduzir e negociar sentidos, articulando-a sempre desde de uma perspectiva distanciada análoga a condição do estrangeiro, com a qual passa a se identificar. Nesse contexto, o signo do passaporte adquire conotações que materializam esteticamente o olhar de um sujeito

<sup>16</sup> Cf. “La emigración inauguró en mí, entonces, un cierto conflicto interno con mi propio idioma. Una extranjerización de la lengua materna”.

<sup>17</sup> Cf. “Recordé mi bisabuelo Jonás, que había dejado el ídish para ser judío en castellano. O a mi bisabuelo Juan Jacinto, que se había convertido en un gallego con acento de Buenos Aires”.

<sup>18</sup> Cf. “[...] una, múltiple y global”.



que aceita a sua condição de estrangeiridade ao declarar: “viajar com dois passaportes, no final das contas, é um modo de se sentir estrangeiro em suas duas pátrias”<sup>19</sup> (NEUMAN, 2014, p. 13. Tradução da autora). A experiência de habitar um idioma bifurcado conduz Neuman a assumir um distanciamento em relação a sua língua materna, de modo que essa, antes de lhe respaldar a sensação de pertencimento ao seu país natal, ao contrário, passa a se configurar como instrumento que lhe permite flutuar entre culturas, sem, no entanto, enraizar-se definitivamente a nenhuma delas.

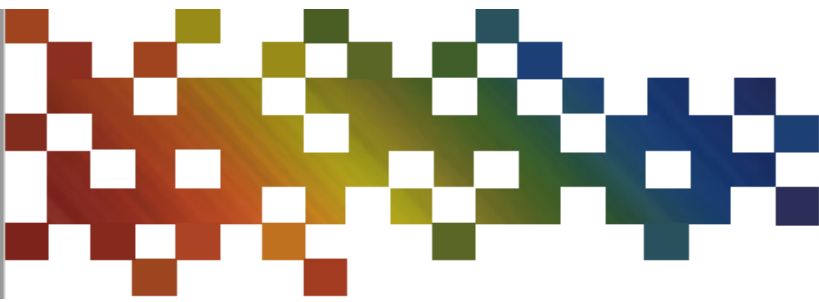
#### 4. O signo da árvore e a metáfora da raiz: outros entroncamentos

Como é possível notar até presente o momento, ambas as obras renunciam à noção de enraizamento a uma origem única e propõem formas alternativas de pertencimento e figurações identitárias. Em *Árbol de familia*, observamos a construção daquilo que poderia se aproximar de uma identidade rizomática, que, segundo as proposições de Deleuze e Guattari, opõe-se à lógica binária refletida pela “realidade espiritual da árvore-raiz” (DELEUZE; GUATTARI, 2002, p. 11 - Tradução da autora), na medida em que auscultamos a voz de um sujeito que revela uma constituição identitária multiterritorial, transatlântica e transnacional que, sem descartar por completo a noção de enraizamento, expressa o desejo de se fixar em torno de diferentes núcleos socioculturais dos mundos que habita, articulando-se a eles por meio de enraizamentos múltiplos.

A imagem do corredor aludido por Rosa como sua morada é, nesse sentido emblemática, pois metaforiza a “passagem para ir e voltar, onde se está e não se está”<sup>20</sup> (LOJO, 2012, p. 138. Tradução da autora), ou seja, transforma-se na terceira via na qual o sujeito situa a sua identidade difusa, movediça, excêntrica, livre de imposições nacionalistas e totalitárias. Inferimos, portanto, que, em *Árbol de familia*, o signo do corredor constrói-se em diálogo com a ideia de fronteira subjacente ao projeto literário empreendido por María Rosa Lojo desde suas produções anteriores. No conjunto de suas obras, a fronteira constitui simbolicamente “a faixa que une os extremos de dois mundos; o fio que sutura o tecido de um mapa diferente” (LOJO,

<sup>19</sup> Cf. “[...] viajar con dos pasaportes, al fin y al cabo, es un modo de sentirse extranjero en sus dos patrias”.

<sup>20</sup> Cf. “[...] pasillo para ir y venir, donde se está y no se está”.



2011, p. 288), heterogêneo e descentralizado em sua constituição; rompendo, assim, com às categorias que a concebem enquanto lugar estanque e fixo, demarcador limítrofe das diferenças entre os gêneros, culturas e temporalidades. O corredor plasmado esteticamente em *Árbol de familia*, instaura-se, pois, como o interstício entre as margens, desde onde Rosa traça uma geografia alternativa do pertencimento.

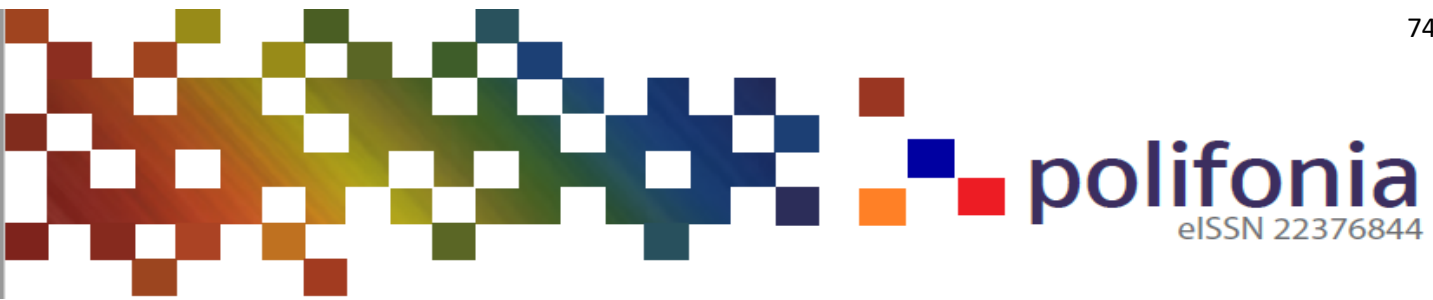
Nesse espaço de trânsito constante, o desejo do retorno se desintegra. No diálogo com seu tio Benito, ocorrido durante sua visita a Galícia, Rosa assinala: “– Nunca poderei voltar completamente – sussurrou – mas tenho o corredor”<sup>21</sup> (LOJO, 2012, p. 138. Tradução da autora). A morte da castanheira plantada no quintal de sua casa dias após sua viagem a Espanha (finalmente empreendida após a morte de seu pai Antón) parece concretizar no plano simbólico o desvanecimento da utopia do regresso, agora, carente de sentido. E assim, evocando a imagem do deus Jano, Rosa proclama: “Eu vou. Voltarei indo. Partirei voltando. Como Jano, o deus das duas faces, o das portas e das chaves, o dos começos e dos finais, o que vacila entre o presente e o porvir”<sup>22</sup> (LOJO, 2012, p. 139. Tradução da autora). Sujeito irrevogavelmente traduzido Rosa, ainda que se reconecte com sua terra Natal, a Argentina, também se sente parte da Espanha, por isso, prefere habitar a fronteira, o corredor.

Em *Una vez Argentina*, por sua vez, o desejo do enraizamento no não lugar, evidencia-se pelo anseio de Neuman em fundar as bases de sua identidade na própria linguagem literária. Ao reconstruir ficcionalmente a imagem da Argentina de sua infância e juventude, não o faz como signo de um paraíso perdido. Relida desde um olhar pragmático, a infância alberga experiências que atuam no processo de tradução e negociação dos sentidos atribuídos aos desafios da vida adulta, permitindo que o sujeito crie estratégias de reinserção no contingente lugar do aqui e agora, desde onde também pode vislumbrar um horizonte de projeções futuras. Não por acaso, o penúltimo microrrelato da obra é composto pela transcrição do primeiro verso do hino da Argentina - “*Oid, mortales el grito sagrado*” – seguido do aforismo “a memória amanhã é bisagra nova”<sup>23</sup> (NEUMAN, 2014, p. 286. Tradução da autora), dando forma a um jogo plurissignificativo de imagens que desloca as noções hegemônicas de nacionalismo, liberdade e identidade, para ressemantizá-las enquanto instâncias fluídas a serem articuladas e

<sup>21</sup> Cf. “- Nunca podré volver del todo – susurró – pero tengo el corredor”.

<sup>22</sup> Cf. “Me voy. Volveré yéndome. Me partiré volviéndome. Como Jano, el dios de dos caras, el de las puertas y las llaves, el de los comienzos y los finales, el que tiembla entre el presente y el porvenir”.

<sup>23</sup> Cf. “La memoria mañana es gozne nuevo”.



reinventadas/reescritas pelo próprio sujeito, desde sua subjetividade atravessada por vivências individuais e memórias coletivas.

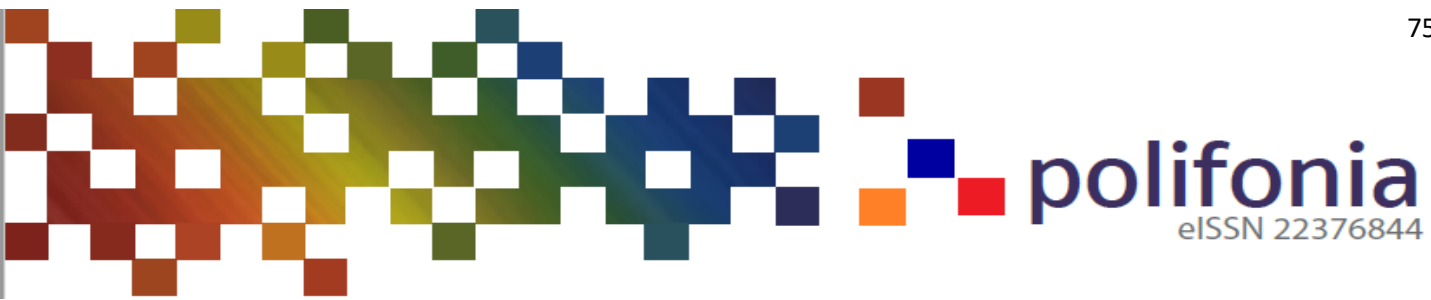
Com um discurso oscilante e bifurcado, Neuman retrata um país subjetivo e transcendente, localizado nos rincões de sua memória, para, nesse território inventado, (re)instalar emblematicamente a sua identidade extraterritorial, recuperando assim a ideia contida em uma de suas epígrafes introdutórias: “Tua mãe tem mãe. Um país de palavras” (NEUMAN, 2014, p.09. Tradução da autora), do poeta palestino Mahmud Darwish. A fim de referendar essa leitura, na última cena da obra, Neuman recorda o diálogo travado entre ele (ainda criança) e o avô Mario, que, durante a cena, planta uma árvore no espaço limiar entre memória e a ficção, materializando no plano discursivo o seu enraizamento no não-lugar, ou seja, numa Argentina plasmada em literatura, lembrada/inventada por palavras.

Na obra de Neuman se nota, portanto, a emergência de uma estética radicante, articulada pela voz de um sujeito que, retomando as proposições de Bourriaud: “[...] se desenvolve em função do solo que o acolhe e se traduz em termos do espaço em que se encontra” (BOURRIAUD, 2009, p. 57. Tradução da autora). Por isso, o narrador declara: “Estar entre duas margens não é algo do que se lamentar. Ter dois lugares de origem pode duplicar o tempo”<sup>24</sup> (NEUMAN, 2014, p. 124. Tradução da autora). Desde essa perspectiva, ressemantiza a condição do ser estrangeiro herdada de seus antepassados, superando a noção de perda ou nostalgia frequentemente a ela associada, para restaurar seu sentido sob a prerrogativa da liberdade e renovação, elementos propulsores da força criadora que move seu projeto literário.

## 5. Conclusões transitórias:

Herdeiros diretos dos conflitos desencadeados pela experiência do deslocamento (seja o exílio, o desterro ou a emigração), tais protagonistas logram ressignificar a condição migrante que lhes fora legada por seus familiares por meio do exercício da escritura, com a qual revisita as suas memórias. Na travessia pelas imagens do passado, Rosa e Neuman ressemantizam as tensões convencionalmente relacionadas a retórica do exílio - que também se faz presente na

<sup>24</sup> Cf. “Estar hecho de orillas no es algo de lo que lamentarse. Tener en dos lugares el origen puede duplicar el tiempo”.



estética migrante -, tais como a ideia do desenraizamento, solidão, desamparo, desejo impossível do retorno e nostalgia da infância, todos eles circunscritos ao âmbito de uma crise de identidade, interceptada pelo signo da perda. Dessa forma, demonstramos como os discursos ficcionais de *Árbol de familia* e *Una vez argentina*, deixam transparecer mecanismos de subjetivação que, ao romper com esses tópicos, suscitam a própria revisão dos processos de identificações implicados no estabelecimento de sentidos de pertença. Assim esboçam modelos alternativos de pertencimento que, afastando-se da lógica binária evocada pela metáfora da árvore-raiz, ora podem assumir uma configuração rizomática, por meio da qual se propõe um enraizamento em torno de vários núcleos; ora assimilam os princípios de uma estética radicante, através da qual o sujeito, adotando a perspectiva do estrangeiro, expressa o desejo de arraigar-se na ausência de lugar. Ambos os modelos – inconclusos e contingentes - consubstanciam, no plano da escritura, o terceiro espaço onde simbolicamente fundam suas identidades transacionais. Circulatórias e transatlânticas, recusando as representações estanques, a noção identitária formulada por esses sujeitos em trânsito aponta para uma problemática que vai além do nacionalismo literário: “trata-se de uma nova maneira de se conceber, de se descrever, de ser humano” (PARTERSON, 2015) em meio às paisagens em movimento.

## Referencias:

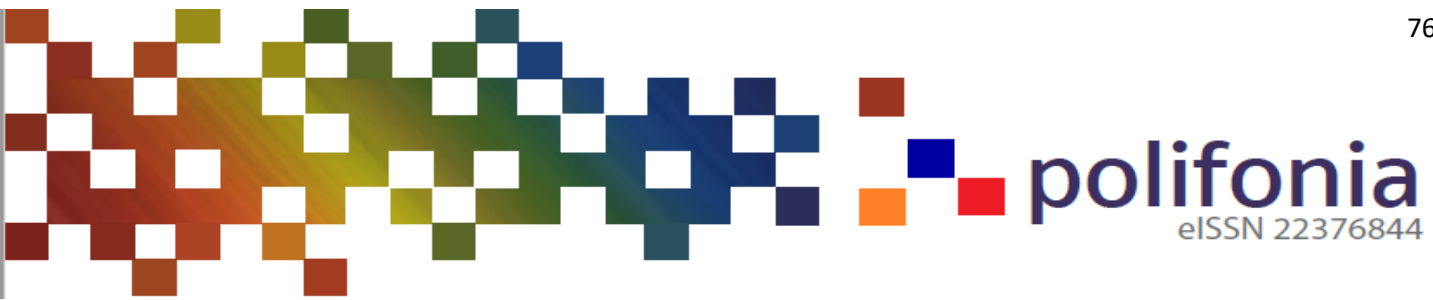
AÍNSA, Fernando. Palabras nómadas. Los nuevos centros de la periferia. In: ESTEBAN, Ángel; MONTOYA, Jesús; NOGUEROL, Francisca; PÉREZ LÓPEZ, María Ángeles (ed). *Narrativas latinoamericanas para el siglo XXI: nuevos enfoques y territorios*. Hildelshein: OLMS, 2010.

ALBERCA, Manuel. *El pacto ambiguo: de la novela autobiográfica a la autoficción*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2007.

BOURRIAUD, Nicolas. *Radicante*. Trad. de Michèle Guillermont. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora, 2009.

BUCCO COELHO, Maria Josele. A assunção da perda: memória e identidade em *Árbol de familia* (2010), de María Rosa Lojo. In: *Organon*. Porto Alegre, v. 29, n. 57, jul/dez. 2014. p. 43-59.

BUCCO COELHO, Maria Josele. *Mobilidades culturais na contística rio-platense de autoria feminina: tracejando as poéticas da distância em Josefina Plá e María Rosa Lojo*. 2015. 200 f.



Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Trad. Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil mesetas: capitalismo y esquizofrenia*. Traducción de José Vázquez Pérez. Valencia: Pre-textos, 2002.

LOJO, María Rosa. *Árbol de familia*. Buenos Aires: Debolsillo, 2012.

LOJO, María Rosa. El exilio heredado: raíz de la escritura y herida de la memoria. In: GARAY FERNÁNDEZ, María Teresa González de; DÍAZ-CUESTA José (coord). *El exilio literario de 1939: 70 años después*. Logroño: Universidad de la Rioja, 2013. p. 57-63.

LOJO, María Rosa. Fronteiras, finisterras e corredores: do clichê ideológico à polissemia simbólica. Tradução de A. R. Esteves e M. F. A. Oliveira Marcarí. In: PINTO, A. J. A.; MACHADO, M.; VILALVA, W. *Nas dobras do mundo a literatura acontece*. São Paulo: Arte e Ciência, 2011. p. 287-315.

LOJO, María Rosa. Los hijos del amor y del espanto (2010). *Página/ 12*, 2010. Disponível em: <<https://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/radar/9-5876-2010-01-24.html>>. Acesso em: 16/07/2020.

MUÑIZ-HUBERMAN, Angelina. Los hijos del exilio. In: revista *Ínsula*, nº 627, 1999, p. 21-22.

NEUMAN, Andrés. *Cómo viajar sin ver*. Madrid: Alfaguara, 2010.

NEUMAN, Andrés. *Una vez Argentina*. Barcelona: Alfaguara, 2014.

OUELLETTE-MICHALSKA, Madeleine. *Autofiction et dévoilement de soi: essai*. Montréal : XYZ éditeur, 2007.

PATERSON, J. M. O sujeito em movimento: pós-moderno, migrante e transnacional. *Letras de Hoje*, v. 50, n. 2, p. 179-184, 13 jul. 2015.

POHL, Burkhard. ¿Escritores nómadas? La migración cultural en la narrativa latinoamericana a finales del siglo XX. In: MERTZ-BAUMGARTNER, Birgit; PFEIFFER, Erna. (eds). **Aves de paso: autores latinoamericanos entre exilio y transculturación (1970-2002)**. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert, 2005. p. 55-69.